

**F**

**de  
Falcão**



**Helen  
Macdonald**





**F de Falcão**



# F de Falcão

Helen Macdonald

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Helen Macdonald 2014

TÍTULO ORIGINAL

H is for Hawk

PREPARAÇÃO

Rodrigo Rosa

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Chris Wormell

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M118f

Macdonald, Helen

F de falcão / Helen Macdonald ; tradução Maria Carmelita Dias.

- 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

288 p. ; 23 cm.

Tradução de: H is for hawk

ISBN 978-85-8057-814-0

1. Macdonald, Helen - Narrativas pessoais. 2. Mulheres - Estados Unidos - Biografia. 3. Pais e filhos. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

15-28568

CDD: 920.72

CDU: 929-055.2(73)

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para minha família*



## SUMÁRIO

PARTE I	9
1 Paciência	11
2 Perdida	19
3 Pequenos mundos	26
4 Sr. White	39
5 Segurando firme	50
6 A caixa de estrelas	59
7 Invisibilidade	67
8 No interior de um Rembrandt	77
9 O rito de passagem	84
10 Escuridão	92
11 Saindo de casa	101
12 Foras da lei	109
13 Alice, caindo	121
14 A linha	133

15	Por quem os guizos...	143
16	Chuva	151
17	Calor	156
PARTE II		163
18	Voando livre	165
19	Extinção	175
20	Esconderijo	182
21	Medo	191
22	Dia da Maçã	200
23	Homenagem	209
24	Drogas	215
25	Lugares mágicos	225
26	O voo do tempo	235
27	O novo mundo	241
28	Histórias de inverno	250
29	A chegada da primavera	260
30	A Terra em movimento	267
PÓS-ESCRITO		271
NOTAS		274
AGRADECIMENTOS		284

# PARTE I



*Paciência*

A quarenta e cinco minutos a nordeste de Cambridge existe uma paisagem que passei a amar de todo o coração. É o local onde o charco úmido dá lugar à areia seca. Uma área de pinheiros retorcidos, automóveis queimados, placas de sinalização de estrada salpicadas de marcas de tiros e bases da Força Aérea dos Estados Unidos. Há fantasmas aqui: ruínas de casas em quarteirões numerados. Há espaços construídos para ogivas nucleares em túmulos cobertos de grama por trás de cercas de três metros e meio, estúdios de tatuagem e campos de golfe da Força Aérea. Na primavera ouve-se vários barulhos desordenados: tráfego aéreo constante, armas de ar comprimido sobre plantações de ervilhas, cotovias pequenas e motores a jato. A região é chamada de Brecklands — *broken lands*, terras partidas — e era lá que eu me encontrava certa manhã, sete anos atrás, no início da primavera, em uma viagem que não tinha sido nada planejada. Às cinco da manhã, eu estava com os olhos fixos em um reflexo de luz de rua projetado no teto, escutando um casal bater papo na calçada do lado de fora de alguma festa. Sentia-me esquisita: exausta, esgotada, com uma sensação desagradável, como se meu cérebro tivesse sido removido e meu crânio preenchido com uma substância semelhante a papel-alumínio colocado no micro-ondas, esturricado, em curto-circuito, lançando centelhas.

*Argh. Tenho que sair um pouco*, pensei, livrando-me das cobertas. *Sair!* Enfiei a calça jeans, as botas e um blusão, queimei a boca com café escaldante, e apenas quando meu velho e gélido Volkswagen e eu estávamos no meio da autoestrada A14 resolvi pensar para onde iria e por quê. Ao longe, além das faixas brancas e da cortina de nevoeiro, ficava a floresta. A floresta partida. Foi para lá que segui. Para ver os açores.

Sabia que seria difícil. Açores são difíceis. Alguma vez você viu um falcão capturar um pássaro no seu quintal? Eu nunca vi, mas sei que já aconteceu. Encontrei provas. Sobre as lajotas do pátio, algumas vezes, vi fragmentos minúsculos: uma pequena pata, como a de um inseto, de um pássaro canoro, firmemente apertada onde os tendões foram arrancados; ou — de maneira ainda mais repulsiva — um bico desarticulado, a parte superior ou inferior do bico de um pardal, um pequeno cone cor de prata, ligeiramente translúcido, com algumas penas pálidas dos maxilares grudadas. Mas talvez você tenha visto: talvez tenha dado uma espiada pela janela e visto lá, no gramado, um enorme falcão sanguinário assassinando um pombo, ou um melro, ou uma pega, e parece o maior e mais impressionante exemplo de brutalidade a que você já assistiu, como se alguém colocasse um leopardo-das-neves na sua cozinha e você o flagrasse comendo o gato. Pessoas já correram na minha direção no supermercado, ou na biblioteca, dizendo, com os olhos arregalados, *Vi um falcão pegar um pássaro no meu quintal hoje de manhã!* E estou pronta para abrir a boca e falar, *Gavião-da-europa!*, quando acertam eles prosseguem *Pesquisei no livro de aves. Era um açor.* Porém, nunca é; os livros não acertam. Quando está lutando com um pombo no seu gramado, um falcão se torna maior do que a vida, e as ilustrações dos livros de aves nunca são fiéis à memória. Esse é o gavião-da-europa. É cinzento, com a frente listrada em branco e preto, olhos amarelos e uma longa cauda. O açor é parecido com ele. Também é cinzento, com a frente listrada em preto e branco, olhos amarelos e uma cauda longa. Você pensa: *Humm.* Você lê a descrição. Gavião-da-europa: de trinta a quarenta centímetros de comprimento. Açor: de cinquenta a sessenta centímetros. Pronto. Era imenso. Devia ser um açor. Parecem idênticos. Açores são maiores, só isso. Apenas maiores.

Não. Na vida real, açores se assemelham aos gaviões-da-europa da mesma proporção que leopardos se parecem com gatos domésticos. Maiores, sim. Mas também mais corpulentos, mais sanguinários, mais letais, mais assustadores e muito, muito mais difíceis de se encontrar. Aves de região de vastas

florestas, não de jardins, eles são o graal negro dos observadores de aves. Você pode passar uma semana em uma floresta cheia de açores e jamais avistar um, apenas sinais de sua presença. Um sussurrar repentino, seguido pelos gritos de pássaros da mata aterrorizados, e uma sensação de algo se movimentando além do alcance da visão. Talvez você descubra um pombo semicomido esparramado em uma explosão de penas brancas no chão da mata. Ou você pode ter sorte: ao fazer um passeio durante um amanhecer nublado, você vira a cabeça e capta um vislumbre, em um milésimo de segundo, de uma ave se movendo, em uma velocidade estonteante, para longe, imensas patas providas de garras mantidas em um aperto suave, olhos fixos em um alvo distante. Um milésimo de segundo que grava a imagem de maneira indelével em seu cérebro e o deixa ávido, querendo mais. Procurar açores é como procurar um milagre: ele vem, mas não com frequência, e você não consegue definir quando ou como. Porém, há uma chance um tanto maior em manhãs claras e silenciosas do início da primavera, porque é nessa época que os açores escapam do mundo sob as árvores para se cortejarem a céu aberto. Eu tinha a esperança de ver exatamente isso.

Bati a porta enferrujada e saí munida de binóculos para atravessar uma floresta banhada de cinza com a geada. Partes daquela área haviam desaparecido desde minha última visita. Encontrei porções de terra devastada; longos terrenos desbastados e podados, com raízes retorcidas e folhas ressecadas espalhadas na areia. Clareiras. Era disso que eu precisava. Aos poucos meu cérebro foi reativando pontos que há meses não eram usados. Durante muito tempo, eu vivi em bibliotecas e salas de universidade, franzindo o cenho diante de telas, avaliando ensaios, procurando referências acadêmicas. Este era outro tipo de caçada. Aqui eu era um animal diferente. Alguma vez você já observou uma corça sair do esconderijo? Elas dão um passo, param e permanecem imóveis, focinho empinado, olhando e farejando. É possível que um estímulo nervoso contraia seus músculos. E então, com a certeza de que estão seguras, saem de trás da moita para pastar. Naquela manhã, eu me sentia como uma corça. Não que estivesse farejando, ou paralisada de medo, mas, como a corça, eu estava dominada por formas muito antigas e emocionais de me movimentar por uma paisagem, experimentando modos de atenção e postura além do controle consciente. Algo dentro de mim me impelia na maneira de caminhar, e onde fazê-lo, sem que me desse conta exatamente de o que era. Talvez fosse

um milhão de anos de evolução, talvez fosse intuição, mas, em minha caçada ao açor, sinto-me tensa ao caminhar ou ficar parada na luz do sol, vejo-me, de forma inconsciente, me movimentando em direção à luz, ou deslizando para as sombras frias e estreitas ao longo dos amplos vãos entre os pinheiros. Hesito se ouço o grito de um gaio ou um corvejar raivoso, reverberante. Esses sons poderiam significar *Perigo, humano por perto!* ou *Perigo, açor por perto!* E, naquela manhã, eu tentava encontrar um ao esconder o outro. Essas antigas intuições espectrais que durante milênios ataram músculos e alma tomaram o controle, cumprindo sua missão, deixando-me desconfortável sob a radiante luz solar, pouco à vontade no lado errado de um morro, de alguma forma precisando caminhar por cima de uma elevação descorada de relva para conseguir algo do outro lado, onde, afinal, havia um lago. Passarinhos se elevaram em nuvens da beira do lago: tentilhões-comuns, tentilhões-monteses, um bando de chapins de caudas longas que se empoleiravam nos galhos de salgueiros como cotonetes animados.

O lago era uma cratera provocada por uma bomba, uma das que foram lançadas por um bombardeiro alemão sobre Lakenheath durante a guerra. Era uma anomalia, um lago nas dunas, cercado por espessas moitas de carriço-da-areia a muitos, muitos quilômetros do mar. Balancei a cabeça. Era esquisito. Aqui é de fato muito esquisito, e caminhar pela floresta faz com que você se depare com todo tipo de coisas que não espera. Amplas extensões de musgo, por exemplo: estrelas pequeninas, florezinhas e traços de uma flora antiga crescendo em terra exaurida. Crespo sob os pés no verão, parece uma porção do ártico caída no mundo no lugar errado. Por toda parte, há saliências acentuadas e lâminas de pedras. Nas manhãs úmidas, você consegue pegar fragmentos talhados a partir de lascas de pedra dos artesãos da era neolítica, pequeninos flocos de pedra brilhando em finas superfícies de água fria. Esta região era o centro de uma indústria de lascas na Era Neolítica. E, mais tarde, ficou famosa pela criação de coelhos destinada a produção de carne e pele. Antigamente, coelheiras fechadas, gigantescas e delimitadas por cercas de plantas com espinhos se estendiam em frente à paisagem arenosa, batizando os locais da região — Coelheira Wangford, Coelheira Lakenheath —, mas os coelhos acabaram provocando um desastre. Ao se alimentarem da vegetação do local, assim como as ovelhas, reduziram o gramado baixo até ficar apenas uma crosta fina de raízes sobre a areia. Nos locais mais utilizados como pasto, a areia formou dunas e se espalhou pelo terreno. Em 1688, fortes ventos

sudoeste levantaram a poeira do solo irregular. Uma vasta nuvem amarela ocultou o sol. Toneladas de terra se movimentaram, mudaram de lugar, se soltaram. Brandon ficou cercada de areia; Santon Downham foi tragada, o rio que ali corre, completamente obstruído. Quando a ventania cessou, as dunas se estendiam por quilômetros entre Brandon e Barton Mills. A região se tornou famosa pela extrema dificuldade de locomoção: com dunas fofas, escaldantes no verão e infestadas de salteadores à noite. Nossa *Arábia deserta* particular. John Evelyn descreveu-as como “Areias viajantes”<sup>1</sup> que “tanto danificavam o terreno, viajando de um lado para outro, como as Areias nos Desertos da Líbia, praticamente tomando conta de propriedades inteiras de alguns cavaleiros.”

Aqui estava eu, parada nas Areias Viajantes de Evelyn. A maior parte das dunas está escondida pelos pinheiros — a mata foi plantada na década de 1920 com o objetivo de nos fornecer madeira em guerras futuras — e os salteadores já desapareceram há muito. Mas o local ainda traz uma sensação de perigo, semienterrado, danificado. Eu o adoro porque, de todos os lugares que conheço na Inglaterra, este me parece o mais selvagem. Não se trata de uma natureza silvestre intocada, como o topo de uma montanha, mas uma natureza selvagem em ruínas, na qual as pessoas e a terra agiram juntas para torná-la singular, estranha. É uma região rica no sentido de uma história alternativa do interior; não somente os sonhos grandiosos e despreziosos das propriedades rurais, mas uma história de indústria, silvicultura, desastre, comércio e trabalho. Eu não conseguiria pensar em um lugar melhor do que este para encontrar açores. Eles combinam com essa estranha paisagem de Breckland à perfeição, porque a história deles tem os mesmos ingredientes.

A história é fascinante. Antigamente, os açores viviam por toda parte nas Ilhas Britânicas. “Existem diversos tipos e tamanhos de açores”, escreveu Richard Blome em 1618, “diferentes em bondade, força e vigor, de acordo com os vários *condados* em que habitam; mas nenhuma região propicia espécimes tão bons como aquelas da *Moscóvia*, *Noruega* e do norte da *Irlanda*, principalmente no condado de *Tyrone*.”<sup>2</sup> Porém, as qualidades dos açores foram esquecidas com o advento da lei dos cercamentos de terra, que restringiram a possibilidade de pessoas comuns caçarem com aves de rapina, bem como o surgimento de armas de fogo precisas, que colocaram a caçada com armas na moda, em detrimento da falcoaria. Os açores se tornaram animais nocivos, e não eram mais companheiros de caçadas. Passaram a ser perseguidos pelos

couteiros, o que constituiu o tiro de misericórdia para uma população de açores já se debatendo contra a perda de seu hábitat. Por volta do final do século XIX, os açores da Grã-Bretanha estavam extintos. Tenho uma fotografia do cadáver empalhado de uma das últimas aves a serem abatidas; uma foto em preto e branco de uma ave proveniente de uma propriedade na Escócia, suja, empalhada, com os olhos vidrados. Acabaram-se todos.

No entanto, nas décadas de 1960 e 1970, os falcoeiros iniciaram um projeto silencioso, não oficial, para trazê-los de volta. O Clube Britânico de Falcoeiros se empenhou para que, pelo custo de importar um açor de outro país europeu para a prática da falcoaria, se conseguisse a permissão de trazer um segundo e libertá-lo. Compre um, liberte outro. Não era algo difícil de se fazer com uma ave tão autoconfiante e predadora como um açor. Era preciso apenas escolher uma área de mata e abrir a caixa. Falcoeiros com opiniões semelhantes começaram a fazer isso por toda a Grã-Bretanha. As aves vieram da Suécia, da Alemanha e da Finlândia: a maior parte delas era grande, pálida, oriunda de florestas boreais. Algumas foram soltas de propósito. Outras simplesmente se perderam. Sobreviveram, encontraram-se e procriaram, em segredo e com êxito. Hoje há cerca de quatrocentos e cinquenta casais de descendentes. Esquivos, espetaculares, inteiramente à vontade; a existência desses açores britânicos me deixa feliz. A presença deles mostra como é falso o pensamento de que a vida selvagem é sempre algo intocado por mãos e corações humanos. A vida selvagem pode ser obra de uma ação humana.

Eram oito e meia em ponto. Eu observava um pequeno rebento de arbusto brotando da relva, as folhas de um vermelho escuro como couro de porco. Levantei o olhar e então avistei meus açores. Lá estavam eles. Um casal, bem alto na abóbada celeste, no ar cada vez mais quente. Havia algo como um toque quente e plano na minha nuca, mas eu sentia cheiro de gelo ao ver aqueles açores voando. Senti o cheiro de gelo, de samambaias e de resina de pinheiro. Coquetel de açor. Eles planavam. Quando vistos no céu, os açores têm uma coloração cinzenta. Não um cinza da cor da ardósia ou de um pombo. Uma espécie de cinza cor de nuvem de chuva, e, apesar da distância, eu conseguia detectar o grande chumaço branco das penas sob a cauda, abertas em leque, com a cauda larga, firme, por trás, e aquelas soberbas curvas e dobras das rêmiges secundárias de um açor em voo, o que os diferencia totalmente dos gaviões-da-europa. Estavam sendo atacados por corvos e não se importavam,

talvez pensassem *Deixa para lá*. Um corvo se arremessou rapidamente contra o macho, que ergueu uma asa para deixar a outra ave passar. O corvo não era estúpido, e não mergulhou por baixo do falcão por muito tempo. Esses açores não estavam se exibindo de maneira plena: não deram nenhum mergulho no ar, movimento sobre o qual eu havia lido nos livros. Porém, adoravam o espaço que formavam entre si, e o esculpavam em toda espécie de belos trajetos e linhas curvas concêntricas. Duas batidas de asas e o falcão macho se posicionava acima da fêmea, cortava para a direção norte e depois deslizava para baixo, veloz, como uma faca cortando, um rabisco suave por baixo dela, e, então, ela baixava uma asa e os dois se elevavam para o céu de novo. O casal estava acima de uma aleia de pinheiros, logo ali. Em seguida, já tinham desaparecido. Em um minuto, minha dupla de açores desenhava linhas dignas de manuais de física no céu e, no minuto seguinte, não estava mais lá. Não me lembro de ter olhado para baixo ou de ter deixado de acompanhá-los. Talvez tenha piscado. Talvez fosse simples assim. E naquele mínimo intervalo de tempo em que o cérebro oculta a visão, eles mergulharam na direção da mata.

Sentei-me, cansada e satisfeita. Os açores foram embora, o céu estava vazio. O tempo passou. As ondas de luz ao meu redor se reduziam. O dia construía a si mesmo. Um gavião-da-europa, leve como um brinquedo de madeira balsa ou um lenço de papel, passou feito uma flecha na altura do meu joelho, ascendendo por cima do aglomerado de espinheiros e se afastando na direção das árvores. Eu o observei ir embora, perdida em meus pensamentos. Era uma recordação incandescente, irresistível. O ar emanava resina de pinheiro e odor acre de formiga vermelha. Eu sentia meus pequenos dedos de menina presos em uma corrente de plástico e o peso de um binóculo fabricado na Alemanha Oriental em volta do pescoço. Estava entediada. Tinha nove anos de idade. Meu pai estava de pé, perto de mim. Estávamos procurando gaviões-da-europa. Eles faziam o ninho por perto, e, naquela tarde de julho, tínhamos a esperança de conseguir uma visão que às vezes eles nos oferecem: uma ondulação submarina através dos topos dos pinheiros quando um deles passa rapidamente entre as árvores e se afasta; o vislumbra de um olho amarelo; um peito listrado contra as folhas em movimento ou a rápida silhueta imprimindo uma sombra negra contra o céu de Surrey. Durante algum tempo foi emocionante encarar a escuridão entre as árvores e o laranja-sangue e o preto onde o sol esparramava sombras entrecortadas no meio dos pinheiros.

Quando se tem nove anos, porém, esperar é difícil. Chutei a base da cerca com minhas galochas. Eu me contorci e me remexi. Suspirei. Pendurei-me na cerca pelos dedos. E então meu pai olhou para mim, meio irritado, meio entretido, e me explicou algo. Ensinou-me o que era *paciência*. Ele disse que era a coisa mais importante de todas para se lembrar, dessa maneira: quando você desejava mais do que tudo ver algo, às vezes tinha que ficar imóvel, parado no mesmo lugar, lembrar-se de quanto você queria aquilo, e ser paciente. Quando estou no trabalho, tirando fotografias para o jornal, disse ele, às vezes tenho que ficar sentado no carro durante horas, a fim de conseguir a foto que quero. Não posso me levantar para pegar uma xícara de chá, nem mesmo ir ao banheiro. Tenho que apenas ser paciente. Se você quer ver os falcões, também tem que ser paciente. Ele falou de forma séria e circunspecta, mas não irritada; o que ele fazia era comunicar uma Verdade dos adultos, mas concordei com a cabeça, amuada, e olhei para o chão. Soava como uma lição, não como um conselho, e não captei exatamente o que ele estava tentando me dizer.

Você aprende. *Hoje*, pensei, não mais aos nove anos e aborrecida, *fui paciente e os falcões apareceram*. Levantei-me devagar, as pernas um pouco dormentes por ficar estática durante tanto tempo, e percebi que estava segurando uma pequena quantidade de musgo em uma das mãos, um pouco daquele líquen verde-claro ramificado que consegue sobreviver praticamente a qualquer coisa no mundo. Trata-se de um manifesto genuíno de paciência. Mantenha o musgo no escuro, congele-o, resseque-o ao máximo e ele não morre. Fica entorpecido e aguarda até que as coisas melhorem. Impressionante. Avaliei o peso da pequenina esfera ramificada na minha mão. Mal dava para sentir. Em um súbito impulso, guardei no bolso do casaco esta lembrança roubada do momento em que vi os falcões e voltei para casa. Coloquei-a em uma prateleira perto do telefone. Três semanas mais tarde, era para o musgo que eu estava olhando quando minha mãe telefonou e me contou que papai havia falecido.



"De tirar o fôlego."

**THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW**

"Uma obra profunda e terrivelmente bonita que vai partir até o mais duro dos corações."

**BOOKSELLER**

"Se houvesse um prêmio para o melhor livro a desafiar todo tipo de gênero, imagino que *F de falcão* o ganharia também... Coerente, completo e desafiador, é talvez a melhor não ficção que li no ano."

**NEW YORKER**

"Único e belo, de extrema franqueza emocional e com uma linguagem descritiva sem paralelos na literatura moderna."

**COSTA BOOK AWARDS**

"Neste livro estão as mais memoráveis passagens que li este ano, ou esta década... Mabel é descrita tão vividamente que parece se materializar nas páginas."

**TIME**

"Não há uma linha que soe falsa, todas as impressões nos chegam com alguma carga... Macdonald encontrou o equilíbrio ideal entre arte e verdade."

**SEATTLE TIMES**

"Arrebatador."

**VOGUE**



ISBN 978-85-8057-814-0



9 788580 578140

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)